

Gilberto Freyre – o sociólogo da casa brasileira

Gilberto Freyre nasceu no Recife em 1900. Aos dezoito anos, após concluir o curso de Bacharel em Ciências e Letras, seguiu para os Estados Unidos, matriculando-se na Universidade de Baylor, onde entrou em contato com professores norte-americanos de geologia, economia e sociologia. Em 1920, concluiu o curso de Bacharel em Artes nessa universidade e, a partir de 1921, passou a acompanhar aulas de graduação e de pós-graduação na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Colúmbia, onde defendeu a tese intitulada *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* para obtenção do grau de *Master of Arts*. Em 1922, viajou para a Europa, visitando países como França, Alemanha, Espanha e Portugal. Dois anos depois,

retornou ao Brasil onde deu prosseguimento às pesquisas para a elaboração de *Casa-grande & senzala*, sua primeira obra de vulto – concluída e publicada em 1933.

Os contatos estabelecidos nos Estados Unidos e na Europa, bem como a leitura de textos publicados naquele momento sobre tipos edificatórios, contribuíram para aumentar o interesse do sociólogo pela casa brasileira, mas não a casa analisada em si mesma, considerando-se apenas os aspectos arquitetônicos, e sim a casa que influiu na formação do brasileiro e que foi influenciada por diversas culturas – indígena, portuguesa e africana nos três primeiros séculos de colonização; francesa e inglesa a partir do oitocentos; norte-americana durante o século XX. A casa que interessava ao sociólogo era a casa em sua relação com o jardim, com o quintal, com a senzala, com a rua, com a estrada, com o entorno, com a paisagem, com a região. Homem, casa e paisagem são indissociáveis em seus estudos.

Freyre relaciona os materiais construtivos ao tipo de casa, ao entorno e ao morador; verifica as influências do meio e as influências culturais na construção da residência; analisa os cômodos internos não apenas segundo a sua função, mas também pelo modo de vida que por um lado corroboravam e, por outro, proporcionavam, estabelecendo relações entre a forma de distribuição interna dos cômodos e os costumes dos moradores, e verificando como se davam as relações sociais e familiares no interior da habitação.

É sempre o olhar do sociólogo sobre a casa ou uma leitura sociológica da habitação. Esse interesse no entanto não se esgota na primeira obra, aparecendo de modo ainda mais intenso no segundo livro e em diversos outros textos produzidos posteriormente.

Por que a casa brasileira? Porque em seus interiores e exteriores ela revela a sociedade em seus gostos e preferências, em suas diferenças e antagonismos, em suas hierarquias e condutas, em seu modo de vida. A partir dessa percepção, o soci-

ólogo não mais se desvencilha do estudo da casa pautado em questões de cunho social.

Segundo o próprio Gilberto Freyre, os trabalhos que contêm páginas (e alguns até capítulos) em que a casa é considerada de importância decisiva para a formação brasileira são os seguintes: *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mucambos*, *Ordem e progresso*, *Nordeste*, *Região e tradição*, *Açúcar*, *Problemas brasileiros de antropologia*, *Um engenheiro francês no Brasil*, *Interpretação do Brasil* (ampliado em *Novo Mundo nos trópicos*) e *Mucambos do Nordeste* – além do texto *Oh de casa!* que apresenta extratos desses livros¹.

Em *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre trabalha principalmente com a questão da miscigenação das raças formadoras da sociedade brasileira nos três primeiros séculos de colonização: o índio, o português e o negro. Discute aspectos culturais de cada um desses componentes da tríade que constituiu a base de formação do país. Escreve sobre a influência portuguesa na cultura indígena, particularmente por meio da ação dos missionários e jesuítas, e sobre a influência indígena na cultura brasileira; salienta que os portugueses que vieram povoar a colônia descendiam muitas vezes da mistura de brancos e negros, de brancos e mouros, estando já acostumados ao sistema de trabalho escravo adotado na metrópole; trata ainda da diversidade de origens dos africanos e de suas diferenças culturais e sociais, observando que os negros que vieram ao Brasil provinham de outras áreas além de Angola.

Pode-se dizer que o texto corresponde a um tratado sobre as raças formadoras da sociedade brasileira, pleno de interpretações e re-interpretações do sociólogo. Nesse primeiro ensaio, Freyre tece poucas considerações referentes aos tipos de habitação – mesmo sobre a casa-grande e a senzala.

1 FREYRE, Gilberto. *Oh de casa!* Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife: Artenova: Fundação Joaquim Nabuco, 1979. p. 42.

As observações mais significativas sobre a criação de um tipo habitacional no Brasil aparecem no prefácio da obra:

“(...) A Casa-Grande de engenho, que o colonizador começou, ainda no século XVI a levantar no Brasil – grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais – não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. Desde esse momento que o português (...) tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social; o criador de um novo tipo de habitação.”²

Freyre classifica a casa-grande de engenho como um novo tipo de habitação, criado pelo português transformado em luso-brasileiro nos trópicos. Um tipo de habitação distinto das construções de Portugal pela sua interdependência com o meio, com o entorno. Freyre caracteriza e analisa esse tipo de casa que se tornou comum na área rural do Brasil durante os três primeiros séculos de colonização. O material construtivo: taipa ou pedra e cal (o emprego da taipa resultando em casas de paredes grossas); a cobertura: palha ou telha-vã; seu elemento externo característico: o alpendre, com o telhado prolongado protegendo as áreas internas do sol forte e das chuvas tropicais. Ao longo do texto, Freyre inter-relaciona, do ponto de vista sociológico, essa casa-grande de engenho à senzala, no sentido da dominação e do controle de senhores sobre escravos e da necessidade destes últimos para garantir e aumentar a riqueza dos primeiros.

2 FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936. p. 48. (Primeira edição: 1933).

Todavia é na segunda obra, *Sobrados e mucambos*, que o sociólogo estabelece de fato uma tipologia edificatória ou uma análise tipológica – entendida como o estudo dos tipos edificatórios que prevê comparações, inter-relações, a indicação de semelhanças e diferenças entre os tipos analisados e sua hierarquização. Adotando a casa como centro de interesse para seus estudos sobre os choques entre raças, culturas e idades, e sobre os antagonismos sociais, Freyre analisa “*a casa maior em relação com a menor; as duas em relação com a rua, com a praça, com a terra, com o solo, com o mato, com o próprio mar*”³.

Enquanto na área rural do país situavam-se a casa-grande e a senzala (o tipo de habitação mais requintado e o tipo de habitação mais simples, representando dois extremos sociais – o senhor de engenho e o escravo), na cidade eram implantados o sobrado e o mucambo. O primeiro, o “*tipo de arquitetura nobre mais intransigentemente urbana que se desenvolveu no Brasil*”, variando em número de andares e na qualidade do material – alguns de pedra ou tijolo, outros de taipa⁴. O segundo, construído com “*folha de buriti, palha de coqueiro, palha de cana, capim, sapé, lata velha, pedaços de flandres ou de madeira, cipó ou prego*”; sendo mais africano em algumas regiões, mais indígena em outras⁵. Entre o campo e a cidade, localizavam-se as casas de sítio e de chácara, cercadas por árvores de fruto.

É importante observar que Freyre caracteriza os tipos de habitação não apenas uns em relação aos outros, como também de acordo com a região onde estão implantados – a qual define muitas vezes o tipo de material, a técnica construtiva, o tipo de influência (africana, indígena, portuguesa, holandesa) e outros aspectos da arquitetura.

3 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Record, 2000. p. 12. (Primeira edição: 1936).

4 Idem, *ibid.*, p. 221.

5 Idem, *ibid.*, p. 258.

Ordem e progresso completa a trilogia iniciada com *Casa-grande & senzala*. Para sua elaboração Gilberto Freyre fez uso de 183 respostas dadas a um questionário-base enviado a pessoas das mais distintas classes sociais, originárias de diversas regiões do país e nascidas entre 1850 e 1900. Esse questionário trazia perguntas sobre o nome, o local de nascimento, as escolas frequentadas, os jogos e brinquedos, os heróis de infância, a profissão, a atitude em relação à Europa, as danças e modinhas, os alfaiates e o vestuário, os periódicos preferidos, as viagens realizadas, a atitude em relação aos negros e mulatos e outras reminiscências, resultando suas respostas muitas vezes em pequenas autobiografias “provocadas” pelo sociólogo⁶.

Nesse livro, Freyre aborda diversos assuntos associados ao período que vai de fins do Segundo Reinado às primeiras décadas do século XX, como a campanha abolicionista, o monarquismo, a instauração da República, o positivismo de Comte e sua influência na sociedade brasileira, a retórica de Rui Barbosa e a repercussão de sua conferência em Haia, as transformações da língua portuguesa por meio da inserção de vocábulos estrangeiros, a influência dos imigrantes nos modos e costumes da sociedade brasileira de fins do século XIX, a influência norte-americana em contraposição à europeia, a industrialização e a ausência de uma preocupação maior com o proletariado e com outras questões sociais (como a necessidade de instrução e formação dos trabalhadores) nos primeiros anos da República. Em meio a essas discussões surgem, aqui e ali, comentários sobre a arquitetura brasileira (civil e religiosa) e informações a respeito do chalé – forma de moradia urbana que se difundiu nesse período: “*A voga desse tipo de construção rural, importado da Suíça, e indevidamente situado no Brasil em ruas até de comércio, não foi somente no Rio de Janeiro que alcançou extremos por vezes ridículos: também no Recife (...)*”⁷. No-

6 v. FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 65. (Primeira edição: 1959).

7 Idem, *ibid.*, p. 432.

vamente a casa. Não mais a casa-grande de engenho, um tipo de habitação criado pelo brasileiro (ou luso-brasileiro adaptado aos trópicos); não mais o sobrado ou o mucambo – resultantes de sincretismos culturais; mas o chalé suíço, um modelo de habitação importado da Europa, que se difundiu na paisagem urbana do Brasil de fins do oitocentos, tornando-se característico de algumas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

O texto *Nordeste* trata antes da relação ou, melhor dizendo, dos resultados que a monocultura da cana produziu sobre a terra, sobre a água, sobre a mata pré-existente, sobre a fauna e sobre o homem, que diretamente da casa brasileira. Mas apresenta considerações importantes sobre esta última em um capítulo ou outro:

*“Sem massapé, sem argila, sem humus, a paisagem do Nordeste – desde o Recôncavo, na Bahia, até certos trechos do Maranhão – não teria se alterado tão decisivamente no sentido em que se alterou desde os meados do século XVI: no sentido da cana-de-açúcar. No sentido da casa-grande de pedra-e-cal.”*⁸

Freyre demonstra como o tipo de solo favoreceu o cultivo da cana-de-açúcar, que por sua vez resultou na transformação da paisagem, tanto com o plantio de grandes áreas, como com a implantação das casas-grandes, de pedra e cal, com senzala e capela. Na paisagem do Nordeste de massapé, afirma o sociólogo, o triângulo rural (engenho-casa-capela) se impôs, *“como a sua primeira nota de ordem européia”*⁹.

Região e tradição é um conjunto de ensaios sobre temas variados, que apresenta desde um texto escrito por Freyre aos dezesseis anos, referente ao colégio onde estudara, até reflexões sobre a então *“nova geração do Brasil”*. Trata também da

8 FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 43. (Primeira edição: 1937).

9 Idem, *ibid.*, p. 54.

necessidade de uma pintura que retratasse a paisagem e a vida do nordeste; das transformações da paisagem nordestina em um século (de 1825 a 1925) – texto aliás bastante relacionado a *Casa-grande & senzala* e a *Sobrados e mucambos*; da cozinha brasileira de formação portuguesa e suas tradições regionais; e do problema da casa popular, entre outros temas desenvolvidos. A questão da casa aparece de modo mais expressivo em dois capítulos: “Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil” e “Região, tradição e casa”. No primeiro, Freyre escreve sobre os “*casarões geométricos, quadrangulares, caiados de branco ou de cor de ocre, de alpendre vasto, que durante grande parte do século passado [século XIX] foram – depois das igrejas – o elemento mais nobre da paisagem regional*”; além disso, coloca algumas informações acerca dos sobrados do Recife e sobre a introdução de outros tipos de casa à época do Conde da Boa Vista:

*“Tem-se acusado a antiga arquitetura dos casarões de engenho e de sítio de uma simplicidade ascética: e assim deve ter pensado o barão da Boa Vista, introduzindo no Recife o estilo toscano, o chalé suíço e outros tipos de casa em que se antecipou o bricabraque de hoje.”*¹⁰

No segundo capítulo mencionado, Freyre aborda a questão dos cortiços, das favelas e dos mucambos, ressaltando a necessidade de se aumentar a capacidade aquisitiva dos brasileiros que se alimentam mal, andam descalços e vivem em habitações a que “*faltam os rudimentos de higiene*”¹¹. Do ponto de vista de Gilberto Freyre, de nada adianta retirar esses tipos de habitação da paisagem, sem resolver o verdadeiro problema por trás da questão habitacional. Nesse texto, não é o estudo dos tipos que interessa ao sociólogo, mas o problema da habitação brasileira.

10 FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. p. 169.

11 Idem, *ibid.*, p. 221.

Açúcar, cuja primeira edição data de 1939 (três anos depois da publicação de *Sobrados e mucambos*), traz como subtítulo “Uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil”. Nesse livro, em meio às considerações sobre o açúcar e sua difusão no país desde o século XVI, Gilberto Freyre trata algumas vezes da arquitetura das “*casas-grandes de engenho*” – embora o texto se refira de fato predominantemente aos doces do Brasil, apresentando ora a história, ora as estórias, ora diversas receitas de doces, bolos e sorvetes, com dados curiosos, como as preferências de personagens ilustres, de Machado de Assis a Burle Marx.

Problemas brasileiros de antropologia apresenta discussões intrínsecas à área de formação de Freyre, como as distinções entre antropologia social e antropologia cultural, o significado da palavra “cultura” em antropologia social e em sociologia, tendências da antropologia e questões relacionadas à cultura de um modo geral. Entre os vários capítulos elaborados, dois capítulos em particular abordam de forma mais direta o tema da casa brasileira. O primeiro intitula-se “Sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no Rio Grande do Sul”, e evidencia a influência açoriana nas casas do Rio Grande do Sul e o emprego mais vasto da vidraça, da janela de guilhotina e da claboia em seus sobrados em comparação aos antigos sobrados do nordeste do país. Apresenta, contudo, antes sugestões que conclusões para uma análise mais detalhada da casa. O segundo capítulo tem como título “Homens, terras e águas na formação agrária do Brasil: sugestões para um estudo de inter-relações”, e abrange aspectos da paisagem das casas-grandes, da arquitetura rural e questões como arquitetura e clima, arquitetura e lugar, a situação das casas rurais e a escolha dos lugares altos para a implantação das habitações do norte do país e de baixadas e depressões para a construção das residências pelos paulistas, sendo mencionado o trabalho de João Vampré¹².

12 v. FREYRE, Gilberto. *Problemas brasileiros de antropologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p. 222-3. (Primeira edição: 1943).

Um engenheiro francês no Brasil aborda inicialmente a questão da presença dos franceses no Brasil antes e depois da chegada da Corte e, mais especificamente, as consequências dessa presença no Recife de meados do século XIX e sua influência na religião, na arte, nas ciências, nas letras e na técnica, marcando a paisagem, a cultura e a vida dos brasileiros – influência esta exercida por meio de pequenos artistas, técnicos, professores de francês, modistas, alfaiates, cozinheiros e outros profissionais. Em seguida, ressalta o papel de Vauthier nos melhoramentos da cidade e os problemas enfrentados pelo engenheiro nessa tarefa. De acordo com Freyre, Vauthier estava preocupado com o problema da distribuição de água, da coleta de esgoto, da arborização urbana, com a necessidade de aterros para a ampliação das áreas de residência e “*sonhava com um plano geral de melhoramentos para Pernambuco*”¹³.

O segundo tomo traz o “Diário íntimo de Louis Léger Vauthier”, com observações sobre o Brasil e sobre fatos ocorridos durante sua permanência em Pernambuco. Sendo um texto de cunho pessoal, apresenta as dificuldades enfrentadas pelo engenheiro na construção do Teatro Santa Isabel, seus dilemas e preocupações. De maior interesse para a história da casa brasileira são no entanto as “Cartas brasileiras de Vauthier” – que também integram esse segundo tomo. Nessas cartas, Vauthier apresenta um estudo minucioso das casas de residência no Brasil do oitocentos, com descrições dos cômodos internos, do mobiliário, da atmosfera das salas de visita, da cozinha, da varanda, do térreo das edificações. Para exemplificar suas descrições Vauthier anexa ao texto desenhos de fachada e de planta do sobrado brasileiro. Gilberto Freyre, sociólogo e estudioso da casa, foi um dos primeiros a perceber a importância desse material, prontificando-se a publicá-lo com suas notas, análises e observações.

13 FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 309. (Primeira edição: 1940).

Em *Novo Mundo nos trópicos*, Freyre dedica um capítulo inteiro ao estudo da arquitetura brasileira. Sob o título “A moderna arquitetura brasileira: ‘moura’ e ‘romana’”, o texto retoma as características da casa-grande de engenho, das fazendas brasileiras e das casas do período colonial: a aparência, as dimensões, o número de quartos, os vários usos da casa-grande (que era também hospital, igreja, asilo de órfãos, fortaleza e banco, de acordo com o sociólogo), as janelas de madeira (“*em estilo mouro*”), as camarinhas e alcovas, o assoalho, o pátio, as cores vivas e tropicais da fachada, o uso do azulejo, a distribuição simétrica das janelas, o jardim ligado a hortas, as plantas do jardim. Aborda em seguida as transformações da arquitetura brasileira no século XIX, sob influência europeia, para introduzir uma discussão sobre a arquitetura moderna residencial em suas relações com a arquitetura tradicional brasileira. Trata-se da visão do sociólogo sobre a casa e sobre a arquitetura do Brasil de uso residencial.

Mucambos do Nordeste – texto que possui como subtítulo “Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil” – refere-se a esse tipo específico de habitação, mas apresenta no início uma comparação entre este e outros tipos edificatórios, segundo as influências que receberam:

“Na arquitetura doméstica mais nobre do Nordeste – a casa grande de engenho, o sobrado de azulejo, a casa dura e forte de pedra-e-cal – a influência do português – neste ponto, como em tantos outros, enriquecido pela experiência asiática e pelos contatos com os mouros, foi decisiva. Surpreende-se apenas um ou outro vestígio da influência holandesa ou italiana, destoando do gosto português e da técnica portuguesa, dominantes na arquitetura dos primeiros séculos de colonização.

Só no século XIX viriam certas modas européias de casa quebrar a uniformidade portuguesa – a moda

do florentino, do gótico e principalmente do chalé. O chalé, este incorporou-se de tal modo à paisagem regional que em alguns trechos venceu a casa acachapada de quatro águas.

Na construção da casa popular mais simples é que a influência dominante foi e é ainda a africana ou a indígena.”¹⁴

Ao longo do texto, o sociólogo analisa as variações de técnicas e de materiais construtivos segundo a região onde foram implantados os mucambos. Em relação à técnica de construção observa ora uma influência maior da cultura indígena, ora da africana e, por vezes, a persistência de traços da choupana portuguesa¹⁵.

Freyre assinala ainda que o tipo de mucambo variava não apenas de acordo com as influências culturais, mas em função da vegetação existente no entorno, havendo mucambos de palmeira inajá, de pati, de gravatá, de caiçara¹⁶. A cobertura do mucambo também variava: palha, capim-assú, folha de zinco¹⁷. Desse modo, o autor elabora um estudo sobre os tipos de mucambo, principalmente aqueles implantados na região nordeste do país, ainda que não estabeleça uma classificação segundo os critérios adotados. As ilustrações de M. Bandeira que aparecem ao fim do texto evidenciam algumas diferenças tipológicas dos mucambos analisados por Freyre.

Oh de casa! reúne diversos escritos do sociólogo sobre a casa – não apenas a brasileira mas também a portuguesa. Parte desses escritos era inédita até então; outra parte corresponde a textos inteiros ou fragmentos de textos publicados anteriormente. Apesar de reunir uma série de observações sobre a

14 FREYRE, Gilberto. *Mucambos do Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, s. d., p. 19-20. (Primeira edição: 1937).

15 Idem, *ibid.*, p. 21.

16 Idem, *ibid.*, p. 23-4.

17 Idem, *ibid.*, p. 33.

casa brasileira, *Oh de casa!* não apresenta as características de uma tipologia edificatória, como *Sobrados e mucambos*. Não obstante, revela aspectos importantes da elaboração das obras clássicas do sociólogo. Em primeiro lugar, evidencia que, para escrevê-las, Freyre visitou diversos sobrados e casas de engenho, realizando entrevistas com seus moradores e tomando nota dos fatos e acontecimentos restritos ao círculo familiar – sua investigação transcende a pesquisa em livros, arquivos e acervos de jornal ao incluir o registro da história oral. Em segundo lugar, deixa clara a importância atribuída a aspectos psicológicos (ou psico-sociais e culturais) no estudo da casa brasileira.

Para Freyre, a casa de residência é “*uma das mais significativas expressões da cultura brasileira*” e “*constitui um conjunto de valores, mitos, tradições, símbolos, social e regionalmente dispersos*”¹⁸. A casa caracteriza a “*fisionomia da nossa cultura*” e o “*ritmo da paisagem*” – “*da paisagem em que a cultura representada pelas formas e cores da casa de residência modifica a natureza, harmonizando-se com ela ou sacrificando-se a artifícios dos valores transplantados*”¹⁹.

Em *Oh de casa!*, Freyre trabalha com o olhar estrangeiro sobre a casa brasileira (Vauthier, Debret), com o olhar português sobre a casa portuguesa (Eça, Ramalho), com a influência da casa sobre brasileiros ilustres como Joaquim Nabuco e ele próprio, Freyre, com a questão da educação do brasileiro (no sentido de se respeitarem as diferenças regionais de cultura e de formas de habitação), com os mucambos da Amazônia e do nordeste e com o tipo “*weberianamente ‘ideal’ ou simbólico de Casa-Grande brasileira*”. Interessam ao sociólogo a casa, a sociologia da casa, a psicologia da casa; a casa que deixa de ser objeto para ser sujeito na formação do homem brasileiro²⁰.

Para fundamentar sua pesquisa, Gilberto Freyre recorre muitas vezes a relatos de viagem, anúncios de jornal e textos

18 FREYRE, *Op. cit.*, p. 43 e 68.

19 Idem, *ibid.*, p. 73.

20 Idem, *ibid.*, p. 35.

de historiadores – além de arquivos pessoais, ofícios e outros “*papéis burocráticos*”. Já em *Casa-grande & senzala*, deixa evidente que selecionou os viajantes “*bons e honestos da marca de Léry, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Rendu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardener, Mawe, Maria Graham, Kidder, Fletcher*”²¹. Nos relatos de viagem selecionados por Freyre, há diversas descrições de casas urbanas e de casas de sítio (ou chácaras), com seus respectivos jardins, e das paisagens em que essas casas aparecem – normalmente em meio à vegetação.

Dos jornais selecionados para seus estudos, dois merecem destaque: o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Diário de Pernambuco*, em que aparecem muitas descrições de residências urbanas e semiurbanas, nos anúncios de venda e aluguel de imóveis. Por meio dessas descrições, é possível caracterizar alguns tipos de casa, com seu programa de necessidades e sua forma de implantação no lote. Em alguns casos é possível estabelecer também uma relação com o entorno, especialmente quando são mencionados o mar, a estrada ou as vistas que se tinha a partir da construção.

Além dos relatos e anúncios, o sociólogo recorre a textos de caráter histórico, em que é possível encontrar características dos espaços rurais e urbanos. Nos textos considerados para a elaboração de *Sobrados e mucambos*, especificamente, observa-se uma frequente caracterização das cidades (ou do espaço urbano) onde estavam implantadas as construções em estudo, como os escritos de Joaquim Manoel de Macedo (que apresentam aspectos do Rio de Janeiro em meados do século XIX), de Moreira de Azevedo (com dados e fatos históricos sobre o Rio de Janeiro e seus monumentos), de Afonso de Taunay (sobre São Paulo) e de Teodoro Sampaio (em trabalho sobre a cidade de Salvador, na Bahia).

21 FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 47. (Primeira edição: 1933).

Os levantamentos de campo, com visitas às casas de engenheiro e aos sobrados que ainda não haviam sido demolidos à época da elaboração de seus textos, bem como as entrevistas com pessoas nascidas na segunda metade do século XIX foram outros recursos adotados pelo sociólogo como embasamento, neste caso empírico, de seu trabalho.

Ao adotar a casa como centro de interesse em vários de seus estudos, Gilberto Freyre se torna um dos autores cujos textos são de leitura imprescindível tanto para os arquitetos como para os historiadores da arquitetura brasileira. A influência de sua obra é patente nos textos de arquitetos historiadores da categoria de Nestor Goulart Reis Filho e de Carlos Lemos, como em *Quadro da arquitetura no Brasil*, *Arquitetura brasileira*, *Alvenaria burguesa* e *História da casa brasileira*. Nestor Goulart trabalha com as mudanças na forma de ocupação dos lotes e as transformações da arquitetura brasileira do período colonial à construção de Brasília, ressaltando a relação entre a arquitetura e o tipo de lote em que está implantada: os lotes medievos-renascentistas, estreitos e compridos, correspondendo à arquitetura do período colonial, com as edificações no alinhamento; os lotes mais amplos de fins do século XIX e das primeiras décadas do século XX correspondendo às casas ou palacetes cercados por jardins particulares; as superquadras derivando de programas residenciais mais complexos, recomendados pelo urbanismo contemporâneo²². Para cada época, um tipo de lote; para cada tipo de lote, uma arquitetura diferente, uma forma distinta de habitação²³.

Nos textos de Carlos Lemos, a maneira de abordar o estudo da casa, a atenção conferida não apenas às residências de luxo, mas também às construções mais simples e às intermédias, e o estabelecimento de inter-relações entre as camadas sociais

22 REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva: 1970. p. 16.

23 v. ARAGÃO, Solange de. *Ensaio sobre o jardim*. São Paulo: Global, 2008. p. 22.

que produziram essas construções (ou para as quais foram produzidas) denotam a importância que o arquiteto e historiador atribui aos textos do sociólogo.

Percebe-se assim a relevância da obra de Gilberto Freyre tanto para a historiografia da arquitetura brasileira, de um modo geral, como para o estudo da casa em seus aspectos físicos e sociais.

Neste ensaio, apresenta-se um estudo e uma tipologia da casa brasileira do século XIX, analisando-se especialmente as residências urbanas e semiurbanas e estabelecendo-se relações entre essas construções, o entorno (a cidade), a sociedade e o período histórico, tendo como ponto de partida a obra *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre.

Para sua elaboração, fez-se praticamente o mesmo percurso do sociólogo, sendo pesquisados relatos de viagem do século XIX, anúncios de jornal do oitocentos, o material iconográfico disponível, textos e documentos históricos, alterando-se contudo o objeto de estudo – que deixou de ser a sociedade (analisada a partir da casa) e passou a ser a casa (analisada considerando-se a sociedade). No texto de Freyre, as descrições e as considerações a respeito dos tipos de habitação aparecem em meio a capítulos que tratam de aspectos da sociedade brasileira. Neste texto, os tipos de habitação descritos por Freyre (acrescidos de outros tipos edificatórios que se espalharam pela cidade brasileira em fins do século XIX, como o cortiço, o palacete e a vila operária) são analisados em si mesmos, do ponto de vista arquitetônico (materiais, programa, distribuição e características dos cômodos internos, forma de implantação no lote, fachada, influências externas) e na maneira como foram apropriados pelos moradores e vistos pela sociedade brasileira e pelos estrangeiros.

O objeto de estudo é, portanto, a casa – urbana (sobrados, mucambos, cortiços e vilas, chalés, palacetes, casas térreas, sobrados de esquina) e semiurbana (casas de sítio, casas de

chácara). O recorte temporal corresponde ao século XIX – período de grandes transformações na cidade brasileira, caracterizado pelo processo de re-europeização, que levou a mudanças na paisagem, na forma de construir e no modo de conceber o espaço urbano no Brasil. O recorte espacial abrange, principalmente, quatro cidades, as quais aparecem com frequência no texto de Freyre: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife – cidades onde era flagrante o contraste entre as residências mais ricas e as residências mais pobres –, além de cidades brasileiras situadas em outras regiões do país, como Belém e Manaus, Cuiabá e Goiás Velho, Pelotas e Joinville, cuja análise permite uma contraposição entre os tipos de residência urbana e semiurbana localizados nas proximidades da faixa litorânea e os tipos de residência implantados em áreas mais ao interior do Brasil, constatando-se a existência de um número mais expressivo de sobrados nas cidades litorâneas e o predomínio de casas térreas no interior.

O primeiro capítulo apresenta as características da cidade brasileira do século XIX, onde foram implantados os tipos de edificação analisados ao longo do texto. As transformações urbanas que ocorreram nesse século, as influências europeias na cidade, as mudanças no cenário e na paisagem, bem como os casos de permanências, são abordados nesse capítulo.

O segundo capítulo se refere aos aspectos sociais da paisagem ou à paisagem social do período, considerando-se os senhores de escravos, os escravos e ex-escravos, a mulher, a criança, e as diferenças sociais que se traduziram em formas distintas de morar. Seu embasamento teórico é a própria obra de Gilberto Freyre, que trata também das mudanças da paisagem social do Brasil na passagem do século XVIII para o século XIX e das mudanças sociais de fins do oitocentos.

O terceiro capítulo foi elaborado a partir da leitura dos relatos de viagem do século XIX, particularmente aqueles mencionados por Freyre em *Sobrados e mucambos*. Ressalta-se não

apenas o modo como os viajantes descreveram as residências urbanas e semiurbanas do Brasil, mas também o olhar estrangeiro – que criticava o emprego de técnicas e materiais pouco requintados, a simplicidade das construções, a falta de ordem e de simetria no arranjo e na concepção do espaço e, por vezes, a sujeira dos espaços internos (como a cozinha instalada sobre o chão de terra batida), sem considerar entretanto que no Brasil, naquele momento, se construía quase sempre com o material disponível no entorno.

No quarto capítulo, é o olhar brasileiro que aparece na descrição das casas colocadas à venda nos anúncios de jornal. Mas a casa descrita é aquela que se pretende vender ou alugar e são, portanto, apenas as qualidades dos edifícios e dos espaços livres que aparecem na descrição. É possível observar também as diferenças entre as descrições que não demonstram a influência do gosto europeu e aquelas em que tal influência é patente. Neste caso, destaca-se a simetria (quando existente) na composição e no arranjo das construções e dos espaços livres – uma simetria ainda bastante elementar em relação ao padrão europeu.

O quinto capítulo foi escrito a partir da análise do material iconográfico (pinturas, fotografias, desenhos e plantas de residências do século XIX), investigando-se o número de pavimentos das edificações, o material construtivo, a cobertura, o número de portas e janelas da fachada principal, e a relação do edifício com o entorno, especialmente a rua.

No sexto capítulo, apresenta-se a caracterização de cada um dos tipos de residência urbana e semiurbana do século XIX. As casas são descritas e analisadas em seus aspectos arquitetônicos (materiais empregados, programa, distribuição dos cômodos, características das fachadas, implantação no lote) e sociais (revelando-se os “*tipos sociais*” que habitavam esses tipos de residência e contrapondo-se as residências mais ricas às residências mais pobres: o sobrado e a casa térrea, o sobrado e o mucambo, o palacete e a vila operária).

O sétimo capítulo traz alguns significados da casa brasileira, especialmente o sobrado e o mucambo – o significado dos cômodos e de sua ordenação espacial, o significado do térreo e dos pavimentos superiores do sobrado, a função da sala de visitas, da cozinha, das alcovas, dos corredores e varandas, das lojas, armazéns e quartos de escravos no térreo, o mucambo em oposição ao sobrado, os sonhos de abrigo. Trata ainda de alguns aspectos simbólicos do palacete, das vilas operárias e dos cortiços de fins do oitocentos.

No último capítulo, são feitas observações finais sobre a casa brasileira do século XIX, enfatizando-se a importância desses tipos edificatórios para a conformação da paisagem urbana do Brasil oitocentista.

